

Suplemento Cultural

No Chá Acadêmico, o brilho da Revista da ASL

MARIA DAS GLÓRIA SÁ ROSA

Na noite de 31 de julho, uma brisa mágica parecia embalar os corações dos acadêmicos, reunidos no Auditório da ACP (Associação Campo-Grandense de Professores) para o lançamento do vigésimo quinto número da Revista da ASL, dedicada a Wilson Martins.

Ligados pelos fios da memória, percorriam países de fantasia, enlaçados pelo discurso dos apresentadores, que os arrastavam a tempos idos e vividos com a força da imaginação criadora.

Cada um se sentia personagem de um filme, que fazia acelerar o sangue, na ânsia de reter o tempo para recompor as alegrias perdidas na névoa do passado.

“Recuerdos de Ypacarai”, de Luís Alberto del Paraná, e “Emoções”, de Roberto Carlos, na bonita voz de Antonio Cezar, foram o licor responsável pelos sorrisos e pela cintilação dos olhares.

Destaque para a atenção dos alunos atentos aos discursos que substituíram os apelos dos celulares, elementos sempre presentes no moderno processo educativo.

A solenidade foi aberta pelo secretário-geral, Rubenio Marcelo, que enfatizou a criação da revista, surgida em 2003, pelo acadêmico Francisco Leal de Queirós, idealizador também do colar acadêmico.

Até o oitavo número, a revista foi feita em sua administração, sob a responsabilidade de Hildebrando Campestrini, então



Desembargadora, Dra. Dagma Paulino dos Reis, recebe das mãos do acadêmico Remolo Leteriello placa-homenagem da ASL, pelo seu empenho legal na recuperação do terreno cedido à ASL, por Inah Metello. Nos extremos, os acadêmicos Reginaldo Araújo (presidente) e Maria da Glória Sá Rosa.

secretário-geral da entidade.

Em seguida, foram projetadas na tela as capas das 25 revistas, notando-se a evolução estética que precedia cada número, atualmente impresso na Editora Life.

A palavra foi concedida ao presidente da Academia, Reginaldo Alves de Araújo, que enfatizou a permanência das publicações: duas por ano, o que não acontece nas demais academias do Brasil.

Ele acentuou, ainda, a luta em torno da construção da nova sede que está sendo erguida, nos altos do Bairro São Francisco, graças ao interesse do

governador André Puccinelli pelos problemas que dizem respeito à cultura.

Por último, ressaltou a capacidade criativa de Rubenio Marcelo, sua dedicação à produção de uma revista que honra a inteligência de MS. Em seguida, Leal de Queirós, conhecido pelo discurso fluente, pela capacidade inventiva, reviveu seu tempo na presidência da Academia e até me fez voltar aos saudosos tempos em que fomos colegas na PUC do Rio de Janeiro, ele no Direito, eu no curso de Línguas Neolatinas.

Procedeu-se, depois, à homenagem à desembargadora, Dra. Dagma

“

O acadêmico José do Couto Vieira Pontes, cofundador da Instituição, fez brilhante análise das revistas editadas em MS e MT, trabalho dos mais exaustivos e competentes, que merece ser editado”

Paulino dos Reis, que recebeu das mãos do acadêmico Remolo Leteriello uma placa de ouro, pela luta a favor do terreno, que tinha sido cedido à Academia, por Inah Metello, e retornara ao poder da família Metello.

Chegou minha vez de discorrer sobre a figura singular, o valor de Wilson Martins, o homenageado da revista 25.

O acadêmico José do Couto Vieira Pontes, cofundador da Instituição, fez brilhante análise das revistas editadas em MS e MT, trabalho dos mais exaustivos e competentes, que merece ser editado.

Marcelo Barbosa Martins e Neide Câmara Martins representaram o tio

Wilson Martins, que se encontra enfermo. Aos dois, foram ofertadas revistas.

Vale enfatizar a dificuldade de levar adiante o trabalho acadêmico, sustentado apenas pelo idealismo dos participantes de uma entidade, a qual conta com poucas verbas para sua manutenção.

Nesse aspecto, merecem voto de louvor todos os que estiveram à frente da entidade, salientando-se a luta do atual presidente Reginaldo Alves de Araújo, que na simplicidade de suas atitudes desenvolve, na Academia, um projeto de vida dos mais duros de levar adiante.

A reunião terminou com o Chá Acadêmico, servido entre abraços e sorrisos, em que todos queriam cumprimentar os homenageados, como se estivessem numa vereda de ilusões, preocupados apenas com os encantos que a arte proporciona a quem sabe valorizá-la.

Afinal, o que seria do mundo sem a arte? Como viveríamos sem a literatura, sem as doçuras do livro?

Como no poema de Drummond, sentimentos que as coisas findas, quando renascidas, são mais lindas e tornam a vida melhor.

Vale a pena ressaltar que o Chá Acadêmico, depois que passou a focar os autores brasileiros, ganhou novo alento, despertando o interesse dos alunos das escolas da Capital, por tão absorvente programa. O chá é a metáfora do entendimento, da confraternização que transforma a Academia num recanto de real amizade e valorização da cultura.

POESIA

NOSSA VIDA

Para que estamos neste mundo?
Rodeados de mistério –
Às vezes, cheio de encantos,
Às vezes, aterrador!...
Aplica-se à nossa vida
A parábola da vinha
De que falou o Senhor?

D'Ele é o terreno, a semente...
É Ele que faz chover...
E cabe a nós, por acaso,
Qualquer maneira de agir,
Qualquer caminho a escolher?

Já se vislumbra, bem longe,
Aquilo que quer de nós,
No gesto amigo de Abel
E no crime de Caim...
E mais ainda também
Na pergunta que Ele fez,
Cheia de horror e aflição:
– “Que fizeste a teu irmão?”

Mais tarde, essa mesma voz
De novo se fez ouvir...
Deus se fez homem também!
Veio nos instruir,
Veio nos ajudar
Para podermos cumprir
Sua difícil lei de amar!...

Nossa vida... Nada nos satisfaz!
É que viemos do Infinito...
E quando nos esquecemos
Da nossa origem divina
Ou julgamos tudo em mito!...
Quando nos acormentamos
Às coisas vãs deste mundo,
Perdemos a nossa paz
E a alegria de viver...
E como mortos vivemos,
Antes mesmo de morrer!

Nossa vida só é vida,
Quando fazemos o bem
E evitamos o mal...
Quando nós nos entrosamos,
Sob a regência divina,
Na orquestração universal!

ELIZABETH FONSECA

LEITURA É DESENVOLVIMENTO

AMÉRICO CALHEIROS

O gosto pela leitura nasce do exemplo familiar e aprimora-se na escola. Grandes escritores e grandes leitores, com raras exceções, constituíram-se dessa maneira, mirando-se no exemplo dos pais. À escola cabia o aprimoramento do ato de ler.

Por um conjunto de fatores decorrentes da sociedade industrial moderna, a responsabilidade pela leitura, pela cultura e educação migrou, principalmente, para a escola.

Assoberbada de tarefas, tendo que dar conta de múltiplas responsabilidades, como o comportamento no trânsito, cuidados com o meio ambiente, orientação ao desenvolvimento sexual, luta contra os diversos preconceitos, cuidados com a saúde em seus diferentes aspectos, conscientização contra o uso de drogas, além de confrontar-se com um tsunami de violência, que cada vez mais toma conta das unidades educativas, a escola, que também está sendo obrigada a ser pai, mãe, enfim, família como um todo, não tem cumprido, a contento, a sua meta de despertar o gosto pela leitura.

O livro e a leitura são pilares básicos da identidade nacional e da soberania cultural de um povo. Um povo se mostra e se enxerga na sua literatura, e o mundo o conhece por meio de seus escritores. Muita gente não veio ao Brasil, mas conhece, de certa forma, seus costumes, sua cultura, seu jeito de ser, enfim, pela ótica dos muitos romances de Jorge Amado, Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro, João Cabral de Melo Neto e de outros tantos escritores.

Embora, em sua essência, possam ser trabalhados multisetorialmente, o livro e a leitura são, hoje, deveres intransferíveis da educação e da cultura.

Se todos fugiram da raia, sobrou literalmente para a escola e o setor cultural a maior fatia desse compromisso no desenvolvimento de políticas públicas adequadas a tal fim.

A leitura está intimamente associada ao desenvolvimento intelectual

macro do indivíduo. Ela, em sua plenitude, sintetiza a capacidade crítica, criativa e analítica do ser humano. Ler, mais do que entender os signos, é extrapolar o óbvio, desvendar as mensagens sub-reptícias e formular conclusões e conceitos a partir das informações presentes nos distintos textos, contextos e acontecimentos. Ler é entender o mundo, refazer trajetórias, reescrever a história.

A leitura é o sustentáculo da cidadania. Ela estrutura, no indivíduo, o arcabouço de seus direitos e deveres, sua visão do mundo, sua compreensão dos fatos. Sem isso, o ser humano é apenas mais um número na estatística social.

A sociedade contemporânea evoluída já compreendeu que, cada vez mais, a conquista do desenvolvimento de uma nação passa, inexoravelmente, pelo domínio pleno da leitura (leia-se educação completa e de qualidade), sendo ela suporte imprescindível na qualificação dos cidadãos construtores de uma comunidade mais equânime. O livro e a leitura são os investimentos certos para a formação da inteligência de uma nação. A inteligência que governará o futuro está intimamente ligada à compreensão dos desejos da nova sociedade. Isso, só a leitura crítica possibilita.

No momento de alta complexidade social, tecnológica, cultural e econômica pelo qual passa a sociedade contemporânea, esperar que a família volte a cumprir papéis que um dia cumpriu é uma utopia.

Também não se pode esperar mais por soluções espontâneas ou miraculosas. O livro e a leitura são responsabilidades de todos: estado, educadores (formais e informais), ativistas culturais, artistas, líderes comunitários, líderes sindicais, agentes que atuam no campo, na saúde, no trabalho, família (sim), enfim, a coletividade auxiliando criativamente nessa tarefa. Só assim, pode ser possível modificar a atual condição em que se encontram o livro e a leitura, e caminhar, a passos decisivos, para a concretização do desenvolvimento em sua plenitude.

A morte da Rainha

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Ela se foi e deixou saudades. Morreu como morrem as flores, numa radiosa manhã de sol, cheia de azul no céu e povoada de trinados nas copas do arvoredo.

Começara a definhir, há algumas semanas, e baldados foram todos os esforços para reavivá-la e fazê-la tornar àquela vivência preme de viços e perfumes que tão bem lhe marcaram a passagem pela terra.

Qual a sua enfermidade? Nunca saberemos. Foi murchando, estiolando, fenecendo, até finir-se para sempre. Seu trono, um grande vaso na sala, agora, está vazio e solitário.

Ela vierá dos grandes e íngremes penhascos das montanhas catarinenses, quando por lá passamos certa vez. Era a “Rainha do Abismo”, dependurada perigosamente nas paredes de pedra, balouçando-se e balançando a linda corola na garganta abissal do despeñadeiro. Foi o presente que nos dera um antigo colono alemão, o Sr. Bruno Romer. Mas para que lembrar tudo isso, se ela não existe mais! Foi, em nossa humilde casa, um adorno bonito que mostrávamos, com justificado orgulho, aos nossos amigos. Ela morreu, permanecerá, entretanto, no relicário imperecível das lembranças, lá, onde as coisas boas, as coisas bonitas, ficam para sempre.

A minha “Rainha do Abismo”, não obstante, além de enfeitar, teve o condão de me despertar bons pensamen-

tos, aviventando valores que estão desaparecendo, paulatina e inelutavelmente, do contexto da sociedade.

Em presença da flor morta, eu pensei nas milhares de outras flores que vão nascendo e amarelecendo nos esgares de uma sociedade de consumo selvagem, até morrerem fatalmente, pois parece que, no coração petrificado ou metalizado dos homens, não há mais lugar para flores. Aquelas flores que o próprio Cristo chamou a si, quando perambulava os caminhos da Palestina: “Deixai vir a mim os pequeninos”.

Contristado e mais que triste, estarrecido, vejo rearear o leite para os nossos filhos; vejo os colegiais subnutridos, pressagiando uma sub-raça e uma sub-cultura. O leite vai ser vendido em embalagem de meio litro e de um quarto de litro... parece que estamos mesmo atufados numa luta inglória de violências de toda ordem, que nos enchem de incertezas e pesares.

É sempre triste o definhir de uma flor, ainda mais quando essa flor pertence ao jardim da espécie humana.

A flor é a síntese da beleza. A beleza é a evocação da esperança e do amor.

Sim, ela, a Rainha do Abismo, foi-se; mas, se no próprio abismo abrolham flores, no caos da sociedade moderna, flores não de surgir, tão lindas e vigorosas, mau grado e quase inacreditável paradoxo. Essa, a minha esperança, o bom pensamento e, sobretudo, o imenso desejo que a morte da Rainha do Abismo me despertou, enquanto escrevo esta singela crônica.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

A virtude só se concretiza com ação efetiva – Assim, neste sábado p.p (09/08), os acadêmicos (da ASL) Geraldo Ramon Pereira, Elizabeth Fonseca e Rubenio Marcelo compareceram, como voluntários, ao Hospital São Julião (que é referência para tratamento da hanseníase na América Latina) e mostraram uma eclética apresentação cultural (músicas e declamações) para pacientes, ex-pa-

cientes, funcionários, alunos e professores da escola que funciona no hospital – o grande público aplaudiu, especialmente, as emocionantes performances artísticas, que contou também com a presença do músico/cantor Adir Guimarães e Nelson Fonseca.

Na ocasião, os supracitados acadêmicos/escritores também doaram seus livros autorais, CDs, bem como exemplares da Revista da ASL para os presentes.